



# Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 10 - Ano 5 - Nº 10 - Julho / 2017

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

## 5 – TERRA À VISTA!!!

Wilson Z. Moura\*

Noutro dia, uma estonteante lua cheia me inspirou a pensar sobre como eu poderia comparar o recheado e turbulento quadro que o Brasil vivencia. Meus pensamentos se multiplicavam e, quase que imediatamente, lembrei-me de alguns personagens super interessantes, já que a história mundial nos brinda com vários exemplos burlescos, dramáticos e reflexivos.

Não há como evitar uma comparação com os clássicos 'Sonho de uma noite de verão', 'Julio Cesar' e 'Macbeth', do dramaturgo inglês William Shakespeare, transitando entre comédias e tragédias de uma forma embriagante. Lembrei do compositor inglês Henry Purcell, que no século 17 escreveu uma obra espetacular, a ópera barroca 'Dido e Eneias', com um dos lamentos mais envolventes da história.

Já o século 19 nos ofereceu uma contribuição valiosa entre intrigas, batalhas políticas e lamentos. O romancista francês Auguste Masquet adorava escrever dramas heróicos como 'Os Três Mosqueteiros' e o 'Conde de Monte Cristo', recheados de traição e vinganças. Na Itália, o compositor Giuseppe Verdi introduzia várias óperas melodramáticas como 'La Traviata' e 'Aida'. Na Alemanha, Richard Wagner compôs a magnífica 'A cavalgada das Valquírias', utilizada como trilha sonora do filme 'Apocalypse Now', 1979, uma das músicas mais densas de todos os tempos. Mas a crise no Brasil é tão extraordinária que eu não poderia esquecer da genial 'Sinfonia nº. 9', do maestro alemão Ludwig Van Beethoven, com suas variações enfurecidas.

Numa retrospectiva mais recente, recordei-me do filme 'O desespero de Veronika Voss', do alemão Rainer Fassbinder, exemplificando a ambiguidade da condição humana, que, imediatamente, me conectou com os ensaios pornográficos, angustiantes e deprimentes do

diretor italiano Pier Paolo Pasolini.

Mas, você pode estar perguntando por que eu resolvi escrever sobre esses caras. Por que esses gênios revelam a loucura da sociedade, o lado bizarro da vida. O cenário brasileiro do século XXI apresenta muitas semelhanças com os exemplos citados acima, submerso num mar de mediocridades. Os critérios de qualidade de vida no Brasil são medíocres, num panorama de muitas complicações e discrepâncias, onde os mosquitos, raposas e ratazanas se multiplicaram exponencialmente, sem qualquer controle ou governança.

Porém, esta tacanha circunstância pode e deve nos servir para exercitar algumas lições. Precisamos aprender a olhar para o próprio umbigo e identificar as oportunidades de melhoria, conscientes de que só temos poder sobre nós mesmos. Efetuar um exercício de cidadania, de identificação de aspectos de qualidade para o desenvolvimento inteligente de uma nação. E isso passa pela analogia consciente das características da ideologia e da cultura brasileira.

Ideologia é a resultante de três componentes: valores, intenções e crenças. Cultura é função direta da ideologia e comportamento, isto é, quando colocamos a ideologia em ação explícita. Portanto, aqui temos a nossa pedra filosofal, nosso precioso objeto de análise.

Nesse ponto, temos que investigar as qualificações da nossa cultura. Eu diria que nós, brasileiros, temos quatro características virtuosas: criatividade, comunicabilidade, alegria e compaixão. Somos alegres, comunicativos, criativos e compassivos. Atenção: compaixão não é sentir pena de alguém, como muitos pensam, mas sim desejar que os outros não sofram e que desenvolvam métodos de aprender com o sofrimento. É um conceito muito próximo

\*Wilson Z Moura, 1958, é pesquisador, consultor e palestrante na área de Desenvolvimento Humano desde 2000, além de especialista em empreendedorismo e comércio exterior. Possui 30 anos de vivência internacional, tendo atuado em mais de 25 países distribuídos entre as Américas do Norte e Sul, Europa e Ásia. Autor do livro 'Fator Zen – Um Convite à Paz Interior'. [fatorwzen@hotmail.com](mailto:fatorwzen@hotmail.com) <http://fatorwzen.com.br/wilsonzmoura/>

da empatia, quando nos colocamos no lugar do outro, contudo devemos tomar o devido cuidado para não sofrer com o sofrimento alheio, uma forma de ação totalmente dispensável.

De outra forma, devemos analisar cuidadosamente o lado sombrio, as características ignorantes que nos imprimem o lodo da mediocridade. É fundamental frisar que o conceito de ignorância é totalmente diferente de inteligência: é a incapacidade de enxergar os fenômenos como realmente são, a negação do conhecimento, causa raiz de todo sofrimento.

Eis aqui a parte mais interessante, já que é o momento de encarar as emoções aflitivas, as ações que nos colocam nessa decadência geral e irrestrita, num pacote de confusão mental e inércia. Após apreciar com cautela, consegui apontar três complicações latentes: orgulho, irresponsabilidade (falta de compromisso) e inabilidade de transformar intenções em comportamentos.

O orgulho talvez seja o veneno mais difícil de ser analisado, devido ao fato de que existe uma 'aura protetora' ao redor dele. Sim, dificilmente as pessoas o reconhecem como um veneno mental, ao contrário: é um tal de "tenho orgulho disso/daquilo", "tenho muito orgulho dele/dela", sem contar os hábitos da cultura popular como o infeliz verso "Eu, sou brasileiro, com muito orgulho.....". É uma espécie de inimigo tentador, impiedoso e sabotador. Mas, por que o orgulho é um veneno? Por que faz com que alguém se considere superior aos outros, inflando sua condição. Exagera o estado do eu e a condição de vida, como se as coisas não fossem impermanentes. Quando o orgulho se manifesta, perdemos a capacidade de dialogar, aceitar opiniões, surgindo uma relação de irresponsabilidade e incompetência para olhar para si e reconhecer as próprias limitações: gera ciúme, inveja, arrogância, egocentrismo e prepotência. É uma erva daninha e, por mais que se tente extingui-la, ela encontra um jeitinho de brotar de novo. Sem dúvidas, é um dos venenos mais difíceis de serem reconhecidos, totalmente enraizado na sociedade brasileira, uma atitude absolutamente desnecessária. Além disso, o orgulho não possui qualquer espécie de relacionamento com a autoestima ou automotivação, ao contrário.

Um outro aspecto importante a ser esclarecido é a falta de compromisso, marcante característica brasileira. O verbo reclamar é um dos mais utilizados no dia a dia: é um tal de 'culpar alguém' pelos problemas e se isentar da própria responsabilidade, dos deveres de cidadão.

Pouquíssimos são aqueles que leem os artigos mais importantes da Constituição federal, que procuram escolher os políticos menos nocivos, que assumem sua parte do bolo. Existem inúmeros exemplos como jogar bagas de cigarro e lixo no chão, enojar as praias, destruir monumentos e locais públicos, sem considerar a abstenção no exercício do sufrágio universal (direito de voto) de forma consciente: "eu não vou votar em ninguém!". Como se outros não fossem votar em políticos medíocres e os mesmos não fossem assumir seus cargos; e quer queiramos ou não, nos representam nas instituições públicas. Um outro exemplo explícito é uma associação de falta de compromisso com cinismo "Vamos combinar um encontro! Vá lá em casa! Me liga!". O objeto de análise aqui é que quem convida não marca a data, nunca liga e, muitas vezes, nem dá o endereço. Quem morou em países desenvolvidos entende bem esse sutil movimento. É uma demonstração evidente de ausência de engajamento, muito comum entre nós. Finalmente, eu não poderia deixar de citar um outro padrão nacional: reclamar somente quando algo acontece contra si mesmo. Sim, usualmente reclamamos quando a prefeitura não cuida da rua, quando alguém pisa no seu pé. Porém, raros são aqueles que abrem a boca para defender causas alheias; quando é com os outros, ignora-se. O próprio umbigo torna-se um estruturado e firme asilo contra a manifestação do discernimento e da consciência.

Hein, como é? Ah, entendi: nada é mais fácil do que 'culpar os outros', certo? O povo brasileiro não é compromissado com a mudança, e isso não se atém as classes menos favorecidas. Ao contrário, os mais esclarecidos deveriam educar os menos capacitados, abrir um portal de diálogo. Portanto, a falta de compromisso também pode ser chamada de irresponsabilidade.

Finalmente, é fundamental refletir sobre a incapacidade de transformar intenções em comportamentos. Intenção é diferente de comportamento: intencionar é uma ação mental, enquanto que o comportamento se caracteriza por meio de ações físicas explícitas. Precisamos aprender a manifestar o querer, o desejo de mudança, de forma consciente e responsável. Esse é outro aspecto muito importante porque as pessoas falam em mudar, mas não mudam. A mudança só vem acompanhada de autoconhecimento, alicerçada por um desejo genuíno. Mas, como diria um ex-aluno, "mudar dá trabalho, né, professor?".

Terra à vista! Aprender a saber, saber fazer e saber ser, precisamos.